

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**CAMPUS CATALÃO**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM LETRAS – LEITURA E ENSINO**

**GLAUCIA MIRIAN SILVA VAZ**

**IDENTIDADE E RELAÇÕES DE MICROPODERES EM *O MATADOR*,**  
**DE PATRÍCIA MELO**

**CATALÃO - GO**

**2010**

**GLAUCIA MIRIAN SILVA VAZ**

**IDENTIDADE E RELAÇÕES DE MICROPODERES EM *O MATADOR*,  
DE PATRÍCIA MELO**

Monografia apresentada ao Programa de pós-graduação lato sensu em Letras – Leitura e Ensino da Universidade Federal de Goiás – *Campus* Catalão, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Borges.

**CATALÃO - GO**

**2010**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(GPT/BSCAC/UFG)

V393i	<p>Vaz, Glaucia Mirian Silva. Identidade e relações de micropoderes em o matador de Patrícia Melo [manuscrito] / Glaucia Mirian Silva Vaz. – 2010. 47 f.</p> <p>Orientadora: Profª Dra. Luciana Borges.</p> <p>Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão – Departamento de Letras, 2010. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Identidade. 2. Micropoderes. 3. Literatura contemporânea. I. Título.</p> <p>CDU: 82-31</p>
-------	--

**GLAUCIA MIRIAN SILVA VAZ**

**IDENTIDADE E RELAÇÕES DE MICROPODERES EM *O MATADOR*, DE  
PATRÍCIA MELO**

Monografia apresentada ao Programa de pós-graduação lato sensu do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás – *Campus* Catalão como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Especialização em Letras – Leitura e Ensino.

Catalão, 17 de setembro de 2010.

---

Profa. Dra. Luciana Borges  
Orientadora

---

Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza  
Membro da Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Silvana Augusta Barbosa Carrijo  
Membro da Banca Examinadora

À Fátima e ao Antônio.

## AGRADECIMENTOS

Fátima, Antônio, Juninho, Acácio, Joana, Flavinho, Gabriella e Gustavo. Obrigada pelo amor.

Marisângela, Ana Paula e Silvana: companheiras de aula, de bar e de sempre.

Cecília e Iris Consuelo: pelas ótimas trocas de conhecimento.

Que bom que pudemos compartilhar essa amizade.

Agradeço à Nirce, por tudo.

Gabriela, seu apoio tem sido valioso.

Luciana Borges: quem recebeu minha proposta e me orientou nas “crises de identidade”.

Profissional, competente, prestativa e paciente. Orientadora sem igual.

Maria Helena: pesquisadora apaixonada, quem muito respeito e admiro. Seus incentivos são preciosos.

Sirlene: *Super* Sirlene. Incomparável.

Ademilde: justa e gentil. J’adore!

Às professoras Silvana e Grenissa, por suas importantes ponderações sobre esta pesquisa.

Sinto orgulho de dizer que fui aluna de vocês.

Obrigada!

“Eu apenas gostaria de ter a sensação de estar em casa.”

Jim Morrison.

## RESUMO

Enfocando sujeitos que vivem em meio à violência, ao caos, à angústia e ao entorno das mídias de consumo, a ficção de Patrícia Melo compõe um retrato das grandes cidades brasileiras. Mesmo sendo sua produção recente, vários de seus livros foram traduzidos e publicados em diversos países da Europa e nos Estados Unidos. Suas personagens são assassinos, drogados, ladrões, traficantes e pessoas pobres da periferia dos centros urbanos. Nossa proposta é analisar sua obra *O Matador* (2002), cuja trama é movida por uma experimentação de identidades, especialmente matador-herói, a qual se torna incompatível, em alguns momentos, com algumas práticas e regras configuradas por determinados sistemas de poder. Consideramos que as identidades praticadas pelo protagonista Máiquel são um efeito de relações de poder e propomos refletir sobre a relação entre esta prática identitária e os micropoderes. Nosso percurso metodológico consiste em analisar as tramas do romance e trechos significativos à problemática proposta. Para tanto, buscaremos a noção de micropoder apresentada por Michel Foucault em *Microfísica do poder* (2007), recorrendo a Edgardo Castro (2008) e Judith Revel (2005), os quais oferecem uma sistematização dos conceitos foucautianos de dispositivo e genealogia. Para uma explanação sobre a problemática da identidade, nos apoiaremos em Zygmunt Bauman, conforme entrevista publicada em *Identidade* (2005). De Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005), traremos as discussões sobre o descentramento do sujeito e a crise de identidade enquanto efeito das mudanças estruturais pelas quais passam as sociedades da modernidade tardia. A fim de contrapor diferentes noções de (crise de) identidade, resgataremos a teoria de Erik Erikson, em *Identidade: juventude e crise* (1971), segundo o qual, a crise é parte do processo de desenvolvimento da personalidade, caracterizando cada fase do processo como uma luta necessária entre ajustamentos e desajustamentos.

Palavras-chave: Identidade; Micropoderes; Literatura Contemporânea.



## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	08
<b>CAPITULO I</b>	
<b>1. CIRCULAÇÃO DE VERDADES: PRODUZINDO CRIMINOSOS</b> .....	12
1.1 Suel: loiro é gringo. Máiquel: gringo é veado.....	12
1.2 Ezequiel: o estuprador de Gabriela.....	15
1.3 Neno: o ladrão de doze anos.....	17
1.4 “Purificação”: ordem e eliminação dos estranhos e sujos.....	19
<b>CAPITULO II</b>	
<b>2. RELAÇÕES DE PODER: OBJETIVOS E DISPOSITIVOS</b> .....	22
2.1 Carvalho: o doutor e o tratamento dentário.....	25
2.2 Santana: a institucionalização de uma prática.....	26
2.3 Traficantes: a demarcação dos espaços.....	28
2.4 Érica e Cledir: o sexo e o casamento.....	29
2.5 Máiquel e a comunidade.....	32
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3. O EXERCÍCIO DA IDENTIDADE MATADOR-HERÓI</b> .....	34
3.1 A identidade em questão: modernização, cultura e desenvolvimento da personalidade....	37
3.2 O matador: herói e criminoso.....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“É uma literatura urbana, que mostra as patologias da modernidade, e o homem perdido num mundo confuso”<sup>1</sup>. São as palavras de Patrícia Melo, nascida em Assis, São Paulo. Estreou com *Acqua Toffana* (1994) e escreveu mais seis romances: *O Matador* (1995), *Elogio da Mentira* (1998), *Inferno* (2000), *Valsa Negra* (2003), *Mundo Perdido* (2005) e *Jonas, o copromanta* (2008). Também são de sua autoria roteiros de peças teatrais<sup>2</sup> como *Duas mulheres e um cadáver* (2001) e *A Ordem do Mundo* (2008) e roteiros de filmes como *O xangô de Baker Street* (2001), escrito a partir do romance homônimo de Jô Soares e *Cachorro!* (2008), baseado em obra de Nelson Rodrigues. Muitos de seus livros foram traduzidos e publicados em diversos países da Europa e nos Estados Unidos. Um desses romances, *O Matador* (1995), alcançou os prêmios *Deux Océans* (França, 1996) e *Deutscher Krimi Preis* (Alemanha, 1998) e foi adaptado por Rubem Fonseca para roteiro do filme *O Homem do Ano* (2003). A obra *Inferno* (2000) lhe deu o *Prêmio Jabuti* em 2000 e, no ano seguinte, a autora recebeu o *Prêmio de Melhor Roteiro para Cinema no Festival de Miami* pela adaptação de *Bufo & Spallanzani* (1996). Até o momento, também tem publicado crônicas no site português *PNETLiteratura*<sup>3</sup> e escreve um novo romance, cujas tramas giram em torno do roubo de um cadáver.

Sua escrita se caracteriza por dar voz narrativa às personagens que falam em primeira pessoa. Essas personagens são assassinos, drogados, ladrões, traficantes e pessoas pobres da periferia dos centros urbanos. Sujeitos que vivem em meio à violência, ao caos, à angústia e ao entorno dos meios midiáticos de consumo das grandes cidades brasileiras.

Por sua produção ser recente, a obra da escritora ainda é pouco estudada no meio acadêmico e, dentre a pequena fortuna crítica encontrada no banco de teses da CAPES e em artigos de periódicos, é comum que seus romances sejam *corpus* de análise para a problemática do gênero e da representação, tais como Zolin (2006) e Heyer (2002), ou para dissertações e teses que abordam a violência, como Rosa (2009), Silva (2000), Peixoto (2001) e Messa (2002); a sociedade midiática, Wels (2005); a subjetividade e o narrador, Pereira

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI61904-15220,00.html>. Revista *Época*. *Mente Aberta*. Reportagem *Todos querem ser iguais a ela*. 20 de fevereiro de 2009.

<sup>2</sup> As informações sobre os roteiros de peças e filmes foram retiradas do site *PNETLiteratura*, cujo endereço encontra-se na próxima nota.

<sup>3</sup> Endereço: <http://www.pnetliteratura.pt/>

(2005); adaptação para filme, Dantas (2007) e Teles (2008); e personagem mitológica, Silveira (2000). Boa parte desses trabalhos aprecia Patrícia Melo como escritora de textos policiais.

Podemos situar a ficção de Patrícia Melo entre as obras contemporâneas que Pellegrini (2001) chama de pós-modernas: de acordo com a autora, o sentimento do pós-moderno se reflete em mudanças estilísticas e temáticas na literatura nacional, reescrevendo um novo painel cultural, antes dividido em ficção urbana e ficção regional. Esta segunda linha ficcional tem decaído devido às intensas mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais iniciadas no regime militar, deixando para trás os temas relativos à terra, à natureza, ao agrário. Por sua vez, a literatura urbana tem ganhado força ao trazer consigo a angústia e a solidão dos grandes centros urbanos.

Pellegrini (2001) afirma que a cultura pós-moderna seria essa em que não há senso de história, ficando o sujeito perdido num “eterno presente”. Nessa concepção, perdem força também o individualismo e as grandes narrativas. A produção literária contemporânea tenderia para o provisório, para o descontínuo, para a ruptura. Sendo assim, a autora levanta a seguinte questão: a ficção brasileira contemporânea tem assimilado o pós-moderno ou tem resistido a ele? Ao procurar responder tal questão, a autora conclui que o pós-moderno ainda é emergente na produção literária brasileira, alternado-se entre resistência (pois ainda divide lugar com os padrões realistas e naturalistas tradicionais e com a vertente que utiliza a linguagem como representação, como revestimento simbólico) e assimilação (quando se considera o aprofundamento do tema violência e das narrativas de personagens descentradas, de frágil identidade).

Segundo Jaguaribe (2003), o objetivo dessa literatura (contemporânea) não é desconstruir conceitos de realidade e, sim, de reafirmar a brutalidade, a sordidez, as frustrações sociais, os excluídos, a precariedade da vida não burguesa, a fim de não deixá-los indiferentes ao leitor. A pesquisadora alerta para a estética da produção cultural contemporânea brasileira: as tendências realistas levam ao choque do real, ao realce dos sujeitos anônimos, marginais (marginalizados) e aos problemas das grandes cidades. Obras escritas e fílmicas têm utilizado do efeito catártico intenso e, para tal efeito, é preciso que o leitor seja tomado de horror, dor, pobreza ou paixão. A produção dessas narrativas responde a uma demanda do próprio mercado de consumo, procurando potencializar a representação de personagens ignorados pela mídia: pobres, negros, prostitutas, assassinos, traficantes, pedófilos, presidiários.

As tramas de *O Matador* são movidas por uma experimentação de identidades (especialmente, *matador-herói*, *matador-criminoso* e *foragido*) que se tornam incompatíveis, em alguns momentos, com algumas práticas e regras configuradas por sistemas de poder. Consideramos que as identidades praticadas pela referida personagem são um efeito das relações de poder e do funcionamento de determinados regimes de verdade. Por fim, nossa problemática culmina na seguinte questão: que relações de poder em *O Matador* fazem funcionar como verdadeiros determinados discursos e qual sua implicação na identidade *matador-herói*?

Atentamo-nos às leituras sistemáticas do *corpus* a fim de levantar as propriedades que serão analisadas. Em muitos momentos, se não em todos, fizemos um registro descritivo do romance, posto sustentarmos a necessidade de conhecimento detalhado do conteúdo do *corpus*.

No primeiro capítulo, estaremos atentos aos regimes de verdade que circulam com o discurso da criminalidade. Isto é, o que é um criminoso? Que práticas podemos encaixar na criminalidade? Como circulam esses discursos e quais são eles? Para tanto, buscaremos sempre as discussões de Michel Foucault em *Microfísica do poder* (2007), que também nos fornecerá as bases para a análise do segundo capítulo, no qual gostaríamos de pensar sobre quem pode fazer circular esses discursos e como isso acontece. Recorreremos ainda a Edgardo Castro (2008) e Judith Revel (2005), pois, dos três eixos metodológicos de Foucault, arqueologia, genealogia e ética de si, apenas o primeiro está sistematicamente explanado. Os demais encontram-se dispersos pelas várias e extensas obras do filósofo. Assim, Revel (2005) e Castro (2008) possuem um material muito útil e eficaz para que possamos esclarecer algumas noções que provêm da genealogia foucaultiana nas respectivas obras e *Foucault: conceitos essenciais* (2005) e *Vocabulário de Foucault* (2008). No terceiro capítulo, nossa análise será acerca do exercício da identidade *matador-herói*, seguindo uma continuidade dos dois primeiros capítulos e ressaltando a relação entre as questões e observações levantadas acerca da circulação de verdades e das relações de micropoderes. Bauman, conforme entrevista publicada em *Identidade* (2005), será nosso alicerce teórico para discutir sobre essa categoria. De Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, traremos as discussões sobre o descentramento do sujeito e a crise de identidade enquanto efeito das mudanças estruturais pelas quais passam as sociedades da modernidade tardia. A fim de contrapor diferentes noções de (crise de) identidade, resgataremos a teoria de Erik Erikson, em *Identidade: crise e juventude* (1971), segundo a qual a crise é parte do processo de desenvolvimento da personalidade, caracterizando cada fase do processo como uma luta

necessária entre ajustamentos e desajustamentos. A partir destes autores, verificaremos a problemática da identidade em diferentes perspectivas. Tal divisão de capítulos não é aleatória, pois representa nossa hipótese: primeiro é preciso produzir uma noção de criminoso para justificar o dispositivo que permitirá o exercício de poder, sendo que essa relação (mútua) entre produção e manutenção de verdades e de poderes está ligada ao exercício de identidades da personagem Máiquel.

Nosso percurso metodológico consistirá em analisar as tramas do romance e trechos significativos à problemática proposta. Nestes, poderemos observar e descrever como funcionam as relações entre as personagens, partindo sempre das bases teóricas citadas acima para explicar o processo de construção da identidade *matador-herói*.

Dessa maneira, passaremos ao primeiro capítulo, em que iniciaremos com um resumo do romance *O Matador* (2002) e falaremos sobre a produção de conceitos sobre criminalidade, refletindo sobre a circulação de verdades, conforme Michel Foucault (2007) e associando-os ainda às noções de ordem e pureza defendidas por Zygmunt Bauman (1998).

## CAPÍTULO I

### CIRCULAÇÃO DE VERDADES: PRODUZINDO CRIMINOSOS

Iniciamos o presente capítulo com o resumo do romance e, à medida que desenvolvermos as análises, resgataremos detalhes mais esclarecedores da história: para pagar uma aposta que perdeu, Máiquel, um vendedor de loja de carros usados, pinta os cabelos de loiro e tira seu antigo bigode. Ele acaba gostando do novo visual e, para estreá-lo, compra roupas novas e chama uma vendedora bonita para sair. Ao chegar ao bar onde deveria estar seu primo, para quem mostraria o pagamento da aposta, um rapaz ri da aparência de Máiquel, que se sente ofendido e o desafia para um duelo. O rapaz, Suel, não o leva a sério, mesmo assim Máiquel aparece no local e hora combinados e mata Suel pelas costas. As pessoas do bairro comemoram a morte de Suel e Máiquel se torna querido por todos e respeitado, inclusive, pelas autoridades locais. A partir daí, ele é contratado para matar mais pessoas. Máiquel se torna um tipo de justiceiro que elimina estupradores, ladrões de grande e médio porte, criminosos em geral.

A primeira questão que colocamos é: quem são os criminosos que Máiquel deve matar? Esta questão nos leva a pensar no que seria criminalidade. Dessa maneira, destacaremos as principais personagens assassinadas pelo protagonista de *O Matador* e partiremos da afirmação de Foucault sobre regimes de verdade: “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (2007, p. 13). Para Foucault (2007), em toda sociedade há relações de poder diversas que a caracterizam e que permitem o funcionamento de instâncias, técnicas e mecanismos que distinguem o verdadeiro do falso.

#### **1.1. Suel: loiro é gringo. Máiquel: gringo é veado**

A maior parte dos “serviços” contratados se refere a matar estupradores e ladrões. Suel, a primeira vítima de Máiquel, era acusado de roubo. Este primeiro ato não foi, como vimos, um serviço, mas efeito de um desentendimento entre as duas personagens. Suel recusa a briga, passa pelo local solicitado por Máiquel sem arma nenhuma, ignorando o chamado

para o duelo. Máiquel pensa em desistir, chega ao local disposto a pedir desculpas e acabar com tudo aquilo, mas a presença de Cledir e de outras pessoas o impede de fazê-lo. Máiquel não quis voltar atrás quando viu Cledir. Suel é assassinado pelas costas com um tiro.

A própria personagem entende que, para tal atitude, há uma punição. Entende que matar uma pessoa é crime. Essa é uma verdade convencionada, já aceita e circulante em nossa sociedade. Nada mais lógico do que punir alguém que tira a vida de outra pessoa. No entanto, todos aprovaram o acontecimento e produziram outra verdade: Suel era assaltante e estuprador e todos o odiavam, assim, foi justa a sua morte. Máiquel estava prestando um bom serviço para a comunidade, “limpando-a” e não tirando o direito de vida de outra pessoa:

Os vizinhos sorriram. Crianças, mães, empregadas, prostitutas, jornalheiros, cidadãos. Todos sorriram para mim. Na padaria, uma senhora beijou minha face e disse: conte comigo. Bobs na cabeça, uma mulher decente como minha mãe: conte comigo.

No Gonzaga foi uma festa. Todos apertaram minha mão, pediram que eu contasse como tinha conseguido matar Suel. [...] Explodiram em gargalhadas, eu ri também (MELO, 2002, p. 24).

Silveira (2000), ainda que pelo viés de uma análise mitológica, portanto distinta da nossa, esclarece que a relação entre herói mítico e violência se deve à impulsividade colérica do herói. A pesquisadora lembra que a elevação de alguém a herói acontece quando este deflagra a cólera de todos. Joseph Campbell – cujo trabalho também se caracteriza pela perspectiva da mitologia – faz uma interessante afirmação sobre a relação do herói com a sua comunidade, em *O herói de mil faces*, ao defender que "quando a ação do herói coincide com a ação para qual a sua própria sociedade está pronta, ele parece seguir o grande ritmo do processo histórico" (1997, p. 40). Não pretendemos seguir pelo caminho da análise mitológica em *O Matador*, mas estas importantes observações de Silveira (2000) e Campbell (1997) colocam a figura do herói como uma construção necessária através da qual a sociedade busca atingir determinados objetivos: o herói assume a cólera, o medo, a revolta e a violência da coletividade, levando consigo a responsabilidade de falar e fazer (o bem ou o mal) pelo seu grupo. Máiquel não deixa de ser esse herói mitológico que, por representar sua comunidade, torna-se seu salvador e seu tirano. Salvador quando corresponde aos anseios coletivos, tirano quando perde o controle do poder que exerce, colocando-se acima de tudo e de todos e ao esquecer de sua função (libertar o povo da subjugação). Campbell destaca: “O herói de ontem torna-se o tirano de amanhã, a não ser que se crucifique a si mesmo hoje.” (1997, p. 179). No entanto, Máiquel não chega a tornar-se um herói tirano. Sua queda acontece de maneira

diferente, como veremos mais adiante, pois não analisamos esta “queda” em termos do conceito de herói mitológico, mas em termos de dispositivos de poder.

Voltemos, então, ao processo de construção do herói de *O Matador*. Os presentes que Máiquel recebe depois de matar Suel (seu primeiro homicídio) são muito significativos:

Quando abri a porta, encontrei um monte de pacotes na soleira: cigarros, carne moída, pinga e flores. Tinha um bilhete também, com letra de criança: Obrigado, Máiquel. Outro: Bem feito para o Suel, letra de mulher. Bandido tem que morrer, letra de homem. Morreu porque não servia para a sociedade, à máquina (MELO, 2002, p. 23-24).

Os bilhetes, por exemplo, revelam a aprovação de instâncias variadas daquela comunidade. Máiquel supõe, a partir da letra, a autoria dos textos (mulheres, homens e crianças): o bilhete que traz “Bem feito para o Suel”, pelo uso do artigo definido, sugere que a pessoa que escreveu o bilhete poderia conhecer Suel; “Obrigado, Máiquel”, num agradecimento que não diz a razão e nem parece se preocupar com ela, representa a admiração de algumas pessoas; em “Bandido tem que morrer”, temos uma pessoa que talvez nem tivesse conhecido Suel, mas o recriminava. O bilhete escrito à máquina: “Morreu porque não servia para a sociedade”, possui uma tipologia argumentativa, um estilo que pretende ser objetivo e um discurso muito próximo ao jornalístico. Como saber ao certo o que seria um bandido para aquelas pessoas?

O primeiro a agradecer Máiquel pela morte de Suel é Gonzaga: "Ele [o Gonzaga] estava feliz porque eu tinha matado o Suel. O Suel é um miserável filho da puta, roubou o toca-fitas do carro da minha irmã, todo mundo odeia o Suel, eu odeio o Suel, ele disse." (MELO, 2002, p. 20). Máiquel já nem precisava mais pagar a conta no bar. O segundo a agradecer é um policial militar. Gonzaga diz ao PM que foi Máiquel quem matou Suel: "antes de eu pensar que o Gonzaga era um imbecil, o PM já estava dando um tapinha nas minhas costas e dizendo que admirava os homens corajosos" (MELO, 2002, p. 20).

Matar alguém, conforme o artigo 121 do Código Penal brasileiro (2005), por exemplo, implica penalidade de 6 a 20 anos de reclusão. Quando há recompensa, o crime é classificado como homicídio qualificado e a reclusão vai de 12 a 30 anos. Já o roubo recebe penalidade um pouco menor: reclusão de 4 a 10 anos, segundo artigo 157. Para o estupro, de acordo com artigo 213 da mesma lei, a pena varia de 6 a 12 anos. Essas informações nos mostram que, de acordo com o Código Penal, dos três, o crime mais grave é o crime contra a vida.



Vale ressaltar que alguns conceitos sobre criminalidade ora são aceitos, ora são recusados, pois se deslocam conforme se modificam as relações de interesse entre as pessoas. O próprio Máiquel quer ser punido pelo que fez: “Querida ser preso, julgado e condenado. Querida que o Suel tivesse um irmão para me matar ali mesmo...” (MELO, 2002, p. 18). A personagem não entende como uma atitude dessas pode ser aplaudida, recompensada, aceita. Para Máiquel, pela lógica das leis, ele próprio é um criminoso. Deveria ser preso e punido. Mas é possível ver que as leis podem ser ignoradas em prol de leis mais específicas, mais ligadas aos interesses de cada um. Podemos notar que essas pessoas subvertem leis maiores em prol de interesses muito particulares, que são capazes de criar seu próprio discurso sobre o que é justo ou injusto, sobre o que é certo ou errado. Cledir vê o rapaz matando Suel e o procura mais tarde. Sabe que ele é um assassino. Érica, até então a namorada que acompanhava Suel e o vê ser assassinado, depois de um tempo, torna-se amante de Máiquel, o assassino de seu próprio namorado. Os policiais, bem como toda a comunidade, aplaudiam Máiquel. Roubar e estuprar são atitudes inaceitáveis, no entanto, matar, naquele caso, é aceitável. Investigaremos esta aceitabilidade quando iniciarmos uma análise das relações estabelecidas entre estas pessoas e suas lutas constitutivas.

## **1.2. Ezequiel: o estuprador de Gabriela**

Máiquel vai ao dentista para tratar seus dentes, mas não tem dinheiro para pagar o tratamento. O dentista, Carvalho, propõe então uma troca: o tratamento pela morte de Ezequiel, acusado de estuprar sua filha, Gabriela:

O Dr. Carvalho abaixou a cabeça. Eu tenho uma filha de quinze anos, uma florzinha, acabaram com ela. Estupraram a minha filha quando ela voltava do colégio. [...] Não dei parte na polícia. Você acha que eu iria deixar aqueles homens fazerem exame nela? Não. Minha filha foi muito humilhada. Coitada da Cledir (MELO, 2002, p. 33).

Dias depois do ocorrido com Suel, Cledir procura Máiquel, mas ele a evita, pois sua dor de dentes o incomoda. Ela ameaça ir embora, mostra-se ofendida. Máiquel então a violenta. Cledir almejava se casar, constituir uma família e viver um relacionamento estável com Máiquel. “Coitada da Cledir”, na citação acima, é fala de Máiquel. Enquanto Carvalho classifica o estupro como um crime grave, Máiquel pensa no que fez com Cledir, o mesmo que Ezequiel fizera com Gabriela. Se Máiquel poderia não ser censurado por ter estuprado

Cledir, Ezequiel o seria porque Carvalho instituía ali uma verdade: Ezequiel era um sujeito mau, um criminoso, e a filha dele, Carvalho, uma criança. Entretanto, quanto a Ezequiel, tudo o que se descobriu foi que o rapaz trabalhava em uma loja de animais, morava com a mãe e dela cuidava. Carvalho não é questionado, e nem poderia, porque exercia um poder dentro daquela comunidade devido ao seu *status* de doutor e ao seu padrão econômico elevado, quando comparado aos demais integrantes daquele lugar. A violência exercida contra Gabriela não poderia ser considerada a mesma quando praticada contra Cledir porque estas personagens exercem poderes muito distintos. Cledir era uma vendedora, Gabriela, filha do doutor.

A partir de tais caracterizações, Patrícia Melo permite que o leitor levante dúvidas quanto ao que realmente aconteceu. O que mais poderia ter acontecido entre Ezequiel e Gabriela além do que o dentista revelou? No trecho em que a personagem aparece, Máiquel fica surpreso com a sexualidade já madura da garota, que se contrapõe à menina que Carvalho descreveu: uma flor, uma criança. Carvalho quer fazer funcionar como verdadeira a imagem de uma filha pura e inocente. Máiquel, por sua vez, quando a conhece, a define como uma árvore seringueira, dotada de uma sexualidade madura e a florada. Gabriela não se parecia com a criança estuprada por Ezequiel, conforme narrou Carvalho. Ezequiel não apresentava nada suspeito. As pessoas falavam mal dele, mas nada se via. Máiquel acompanhou o vendedor de animais durante dias e nada viu de errado em suas atitudes. Soube que ele morava com mãe e dela cuidava. Mas se todos diziam, se Carvalho dizia, se Máiquel tinha que tratar dos dentes podres, então o serviço deveria ser feito. Ezequiel é assassinado de maneira muito fria, a pauladas, pois nosso herói erra vários tiros.

Carvalho não se importa que Máiquel cheire cocaína, porém, é inconcebível que sua filha também o faça (ou, pior, que as pessoas saibam disto). Carvalho não se importa em fingir que Máiquel não havia roubado seu talão de cheques, pois Máiquel faz um serviço, até aquele momento, muito mais necessário e, até aquele momento, insubstituível, diferentemente do que acontece com a empregada que, acusada pelo roubo, é demitida.

O uso de drogas e os próprios homicídios são aceitos quando aquela comunidade defende a prática de matar o assassino, matar o ladrão, matar o estuprador, matar aquele que não segue as regras da mesma comunidade.

O próprio Tomás de Aquino diz isso, matarás, se necessário, em nome da lei, diz Tomás de Aquino, quer dizer, não é bem assim que ele diz, mas é mais ou menos isso, estou adaptando, entende? O que ele quer dizer é que quem mata em nome da justiça não é um criminoso porque isso não é crime, deu

pra entender? A pena de morte, neste caso, é um direito da sociedade, não é um crime, é um direito, não é um crime, é um direito. Veja bem, um direito dado por Deus (MELO, 2002, p. 31-32).

Para Carvalho, os homens têm direito de julgar, decidir, punir os (que eles consideram) criminosos. Segundo ele, aprendeu tudo isso com Deus, com o que leu na Bíblia, com o comportamento de Cristo. O dentista se apropria de outros discursos, principalmente o religioso, para produzir outra verdade sobre o ato de matar. O estupro e o roubo são mais frequentemente levantados no romance como motivos para matar alguém.

Ezequiel deve ser eliminado/punido por um homem que cometeu o mesmo crime que ele: "Todos tinham alguma coisa para me dizer sobre Ezequiel. Estuprou uma estudante. Estuprou uma loira. Estuprou uma bancária. Estuprou uma dona de casa. Estuprei uma vendedora do Mappin." (MELO, 2002, p. 37)<sup>4</sup>. O verbo estuprar na terceira pessoa faz uma interessante alternância para a primeira do singular, momento em que o pensamento de Máiquel reflete sobre sua própria condição de estuprador: ele também não deveria ser punido?

### 1.3. Neno: o ladrão de doze anos

Sílvio, amigo de Carvalho contrata Máiquel para matar Neno. De acordo com as descrições de Sílvio, Neno era um ladrão que atrapalhava seus negócios e que havia matado dois seguranças seus.

Quando nosso herói se depara com Neno, ele recua:

Um menino apareceu na porta e ficou me olhando, vá chamar seu pai, eu disse. Eu não tenho pai. Eu quero falar com o Neno. Eu sou o Neno. Eles queriam que eu matasse aquele menino? [...] Nem fodendo, eu me enganei, disse para o garoto. Virei as costas e fui andando, matar um garoto de doze anos, o que eles pensam? (MELO, 2002, p.85).

Máiquel decide devolver o dinheiro que já havia recebido para matar o garoto. Porém, recebe a notícia de que haviam assassinado seu primo Robinson. Máiquel se enfurece. Vai atrás de Neno. Mata o garoto e assume, a partir deste momento da trama, a identidade *matador-herói*:

Neno pediu pelo amor de Deus para eu não matá-lo. Mas eu não acreditava em Deus. Eu acreditava em úlceras. Eu vou te matar, seu filho da puta, eu

<sup>4</sup> Falido na década de 1990, o centro comercial *Mappin* foi símbolo do consumismo na cidade de São Paulo.

vou te matar porque, a partir de agora, eu sou o matador. Eu sou a grade, o cachorro, o muro, o caco de vidro afiado. Eu sou o Matador. Bang. Bang. Bang (MELO, 2002, p. 95).

Máiquel dizia que não havia aprendido a sentir ódio quando estava para matar Ezequiel. Ele estava indiferente. E, enquanto estava indiferente, não tinha coragem de matar ninguém. Vejamos que há sempre algo que move esses assassinatos. Suel o humilha profundamente. Ezequiel, pela dor de dentes. Neno, pela morte de Robinson.

Dessa maneira, uma classificação do que é ou não crime vai depender principalmente de contra quem o crime é cometido. Para Foucault (2007), “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ de verdade.” (2007, p. 14). Ao mesmo tempo em que a verdade é assegurada por certo exercício de poder, ela própria gera condições para o exercício de poder:

No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir verdades para produzir riquezas. Por outro lado, estamos submetidos a verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos, efeitos de poder (FOUCAULT, 2007, p. 180).

Os crimes cometidos por Máiquel, em geral, são contra algum doutor, empresário ou pessoa de prestígio da comunidade. E, no caso de Suel, Ezequiel e Neno, devemos destacar o fato de serem negros e moradores pobres da periferia. O racismo e o preconceito de classe sócio-econômica são bem explícitos no romance. Até o momento em que Suel ofende Máiquel, eles eram conhecidos; Ezequiel trabalhava numa loja de animais e nada se dizia até que Máiquel o investiga, para matá-lo. Verdades foram sendo construídas acerca dessas personagens. Dizeres sobre o que são, o que fazem e se suas práticas são aceitas ou não. Um sistema de valores, concepções éticas e morais que vão sendo desfeitos e produzidos para construir discursos sobre criminalidade e criminoso. Silvio, o empresário amigo de Carvalho, em nenhum momento se encaixa no perfil de criminoso, mesmo quando paga para matarem Neno. Carvalho defende a morte para negros e pobres, os quais não têm direito de justificar suas atitudes, escolhas. Carvalho e Silvio, por exemplo, podem justificar as suas pelo discurso religioso e pelo próprio discurso de direitos humanos. Silvio diz:

eu sou dono de uma empresa de reciclagem de papelão, Máiquel. O vigilante da minha empresa foi assassinado a tiros por esses filhos da puta. Sabe quantas vezes eu fui assaltado neste mês? Seis vezes, você acredita nisso? Depois, esses padrecos que adoram foder com ovelhas vêm falar de Direitos

Humanos. Estão matando nossas crianças, eles dizem. Eu digo: pensam como homens, agem como homens, as nossas crianças. As nossas crianças são homens. Pobres e pretos. Pragas (MELO, 2002, p. 63).

O discurso possui uma ordem. Os dizeres seguem uma disciplina: o que pode ser dito, onde, quando e por quem. A produção e a circulação dos dizeres são controladas e selecionadas para que sejam dominadas. (FOUCAULT, 2006, p. 09). Veremos que a produção e a circulação de discursos que funcionam como verdadeiros estão relacionadas ao exercício da identidade *matador-herói*.

Não apenas Carvalho aprova o comportamento do rapaz, como várias pessoas o fazem: donas de casa, comerciantes, prostitutas, policiais, crianças. Essa identidade avaliada e aprovada pela sociedade parece ser uma ironia em *O Matador*. Apenas parece, pois trata-se de desejos, quererem, projetos muitos e variados que existem e promovem certos comportamentos e valores. Projetos de grande ou pequeno alcance, mas que constituem interesses econômicos, políticos, sociais, pessoais.

#### **1.4 “Purificação”: ordem e a eliminação dos estranhos e sujos**

Bauman (1998), na obra *O mal-estar na pós-modernidade*, afirma que os grandes crimes partem de grandes idéias. Uma delas, a idéia da pureza. Para o sociólogo, a pureza está relacionada à idéia de ordem. O puro é o contrário do sujo, impuro, poluído. As coisas puras têm seu lugar. O sujo não possui um “lugar certo”, conveniente.

É claro que sujeira, oposto da pureza, não é uma característica nata das coisas, mas um atributo relacionado à sua localização numa ordem inventada pelo ser humano. E quando nos deparamos com algo que está fora de seu devido lugar nessa ordem (que é instituída conforme valores culturais, históricos e sociais), o classificamos como “sujo”. As coisas para as quais não conseguimos um lugar certo são eliminadas:

“Ordem” significa um meio regular e estável para os nossos atos; um mundo em que as probabilidades dos acontecimentos não estejam distribuídas ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita – de modo que alguns acontecimentos sejam altamente prováveis, outros menos prováveis, alguns virtualmente impossíveis (BAUMAN, 1998, p. 13).

Bauman (1998) afirma que o estranho é a síntese da sujeira, pois ele é algo que se insere numa ordem já posta, estável (hábitos, tradições, cultura, costumes já estabelecidos). Se

até o momento falou-se de coisas, agora a questão é relacionar o ser humano à idéia de pureza. Deve ser eliminado aquele que não possui um lugar na ordem instituída. Digamos que aqueles que não conseguem lugar numa ordem consumista, por exemplo, ou porque a negam ou porque não têm condições de assim o realizar, acabam por entrar no grupo da sujeira. A sujeira social, então, é o pobre. Aquele que não encontra lugar na ordem do consumo. E, por serem pessoas e não coisas, não encontrarão localização conveniente.

Em *O Matador*, os principais integrantes desse grupo “sujo” são os pobres e os negros. O fato de praticarem o roubo, o furto, o estupro, o tráfico não é o ponto crucial. O problema é quem pratica e contra quem esses crimes são praticados. Dependendo da resposta, essas práticas podem até mesmo deixar de serem crimes.

Negros e pobres, no romance, são os estranhos que aquela mesma sociedade produziu, mas para quem não se encontra lugar na ordem estabelecida. Bauman (1998), porém, traz uma observação que torna um tanto mais complexas as assertivas realizadas até agora: a impureza pós-moderna são os infratores de leis e aqueles que querem, por si mesmos, fazer as leis. São eles os assaltantes, ladrões, traficantes, criminosos em geral. Além disso, “a busca da pureza pós-moderna expressa-se diariamente com a ação punitiva contra os moradores das ruas pobres e das áreas urbanas proibidas, os vagabundos e indolentes” (BAUMAN, 1998, p. 26).

Assim, um de nossos problemas, nesta análise, é justamente as práticas de alguns sujeitos. Outro problema é quem são estes sujeitos. Dessa maneira, podemos dizer que o enquadramento de um sujeito no grupo “sujeira social” ocorre diante de suas práticas, porém, antes de tudo, é bom ponderar se essas práticas são aceitas ou não. Da aceitabilidade de algumas práticas (roubo, assassinato...) temos a idéia de ordem. A sujeira está ligada à idéia de (des)ordem. Então, o estranho e o sujo devem ser analisados mediante um olhar atento à localização de suas práticas na ordem estabelecida, o que determina a localização do próprio sujeito nessa ordem. Além disso, a aceitabilidade ou não de algumas práticas está imbricada à circulação de dizeres que fazem com que essas práticas sejam aceitas. Dizeres aceitos são verdades que circulam numa sociedade. Verdades que mantêm a ordem, a qual permite que essas mesmas verdades circulem.

Em *O Matador*, personagens como Suel, Ezequiel e Neno compõem esta sujeira porque infringem leis. Suel rouba, Ezequiel estupra e Neno é acusado de latrocínio (ele mata os vigias das empresas que assalta). No entanto, não basta dizer que são a impureza social daquela comunidade somente porque praticam crimes, ou seja, infringem leis. São parte da sujeira que deve ser eliminada porque suas práticas se voltam contra pessoas de uma classe de

prestígio social, econômico e étnico: doutores e empresários, ricos (em relação ao demais moradores da periferia) e “brancos”. Não fosse isso, Máiquel também se encaixaria nesta “sujeira”. Mesmo assim, ele é o cidadão do ano. É Máiquel quem limpa a sujeira e é por esse motivo que se torna um herói. Se Máiquel estupra, a vítima é uma vendedora de loja; se mata, a vítima é um ladrão “pobre e preto”: “Gostei do que você fez com Suel. Aquele preto filho da puta merecia morrer. Eu odeio preto, sou racista mesmo, esses pretos estão acabando com a vida da gente” (MELO, 2002, p. 32).

Além disso, nesta fala de Carvalho, podemos ver uma mistura entre criminoso e negro. No quarto capítulo, em que é narrada a consulta de Máiquel com o dentista Carvalho, este manifesta uma série de posicionamentos a favor da pena de morte, acerca de seu conceito lombrosiano<sup>5</sup> de criminoso e seu racismo assumido. Para Carvalho, criminosos não são humanos e devem ser eliminados. E, dentro desse grupo de criminosos, Carvalho insere os negros. Assim, todo negro é criminoso para esta personagem e, portanto, não tem lugar na ordem estabelecida pela sociedade, o que faz Carvalho defender a pena de morte.

Bauman (1998) observa que a separação e o controle da sujeira têm sido privatizados. A privatização é uma estratégia de “purificação” diante da emergente indiferença do estado em centralizar e coletivizar as atividades de “limpeza social” (de vigia, principalmente). No caso do consumismo, os estabelecimentos comerciais, por exemplo, controlam a “sujeira” através de câmeras de segurança. No caso de *O matador*, esta privatização da “limpeza social” é muito evidente com a criação da Ombra, empresa que assume a função da polícia, esta que deveria controlar e vigiar a sujeira, os criminosos, os estranhos. As personagens deste romance contratam serviços de segurança, ou seja, de limpeza. A Ombra, seja através da vigilância, seja através da eliminação, encarrega-se de manter as coisas, as pessoas e as práticas em uma ordem vigente.

No próximo capítulo, poderemos perceber de que maneira a circulação e a produção de verdades estão relacionadas ao exercício de poder. Além disso, falaremos sobre dispositivos de poder, termos imprescindíveis para uma análise do romance em termos de micropoderes.

---

<sup>5</sup> O termo lombrosiano refere-se aos estudos do professor italiano Cesare Lombroso (1837), quem abordou a criminalidade em termos de psicopatologia criminal: para Lombroso, o delinqüente apresenta características anatômicas que representam suas propriedades mentais. Assim, o formato da mandíbula ou das sobrancelhas, por exemplo, revelariam se um indivíduo possui ou não uma mentalidade criminosa.

## CAPÍTULO II

### RELAÇÕES DE PODER: OBJETIVOS E DISPOSITIVOS

Segundo Castro (2009), Michel Foucault investiga as práticas discursivas pela sua arqueologia e avança para uma investigação das práticas não discursivas, ou seja, para uma análise do saber através das estratégias e táticas de poder: a genealogia. A genealogia é um eixo metodológico pelo qual Foucault analisa as relações de poder. Não se trata de uma ruptura com a arqueologia, mas de uma ampliação das investigações.

A arqueologia tem o propósito de descrever a constituição das práticas discursivas, a formação dos saberes e sua inter-relação, tendo como objeto o estudo das *epistemes*. A arqueologia permitiu descrever os resultados das mudanças dos discursos das *epistemes* (renascentista, clássica, moderna), mas não passou dos limites do discurso. Esta análise vai do enunciado ao arquivo, perpassando ainda as noções de formação discursiva, discurso e interdiscurso. Enquanto a hermenêutica se preocupa com o que significam os signos, a arqueologia proposta por Foucault se preocupa com o modo pelo qual se formaram os significados dos signos.

Já a genealogia busca a proveniência dos saberes através das condições externas (práticas não discursivas) dos próprios saberes e não a origem, as identidades contínuas e ocultas das coisas. Trata-se da busca da constituição das essências (consideradas máscaras). A genealogia diagnóstica e não interpreta.

Uma característica crucial dessa perspectiva metodológica é forma de conceber o poder. Castro (2009) esclarece que Foucault propõe uma análise do poder que seja feita em termos de guerra, de luta, o que contrapõe a noção hobbesiana: Hobbes defendia que o poder, que é um bem cedido a um soberano ou corpo legislativo, evita a guerra entre os homens. De posse de um poder soberano, seria possível dominar e conduzir as pessoas. Tal controle das condutas humanas é que seria o poder concedido, por um contrato social, ao soberano, evitando assim o caos e a guerra. A soberania, então, é uma forma de poder, um direito jurídico de manutenção da ordem através da força, da violência, da imposição do soberano. Em suma, para Hobbes, onde há guerra, não há poder; onde há poder, há repressão e controle, portanto, não há guerra.

Castro (2009), afirma que Foucault considera a existência do poder apenas em termos de guerra, de luta. Além disso, só é possível exercer poder sobre sujeitos livres.



Quando não há liberdade, não há exercício de poder e sim dominação ou violência. Um exemplo de relação de dominação é a escravidão, o que não acontece em *O Matador*, romance em que analisamos as relações de poder.

A filosofia analítica do poder não segue o princípio de que lutamos contra um inimigo principal (o Estado, por exemplo), de quem nos libertaríamos: nossas lutas são imediatas, diretas. Não nos relacionamos com o presidente da república ou com seu governo, mas lidamos com as técnicas que colocam em práticas os projetos governamentais, com as estratégias de programas de saúde, por exemplo. Nossas relações não se dão no âmbito do cidadão *versus* o Estado e sim do cidadão com o médico de posto público de saúde, com o assistente social das secretarias municipais, com os cadastros de pessoas físicas e jurídicas, com o controle de vacinas, com a distribuição de renda familiar, etc.

O poder, nessa concepção genealógica, não é um bem, mas uma forma de relação e só existe e se mantém através de dispositivos (técnicas e estratégias, as quais pudemos exemplificar acima). Conforme Revel (2005), os dispositivos são operadores materiais do poder. Tratam-se de uma rede de relações, que não estão localizadas em nenhum lugar da estrutura social e que podem assumir a forma de discursos, instituições, leis, etc.

Um exemplo do funcionamento dos poderes através de uma rede de dispositivos pode ser encontrado no artigo de Fabiana de Amorim Marcello (2009), em que a autora faz uma descrição da função-sujeito *mãe* a partir dos dispositivos da maternidade e da infantilidade. Neste artigo Marcello (2009) analisa como o comportamento das mães em relação a seus filhos se modificou a partir do século XVII e como a criança se tornou um sujeito carente de cuidados maternos. O funcionamento desses dispositivos é que permitiu à autora analisar um tipo de biopoder que era exercido desde o século XVII até os dias atuais.

Castro (2009) lembra ainda outra característica da genealogia foucaultiana: as lutas são transversais, isto é, não se limitam a um sistema econômico, como as teorias modernas entendiam: para o liberalismo, o poder é um bem que se cede (pelo contrato), se possui, se aliena; para o marxismo, o poder é uma função que mantém relações de produção e de dominação de classe. É nesse sentido que Foucault se refere ao poder enquanto micropoderes: para diferenciar o poder entendido como um bem detido pela macroestrutura (a economia, o Estado) e o poder entendido em termos de dispositivos, de rede de relações ramificadas, particulares, locais e não centralizadas na figura do Estado. Por isso que as relações de poder não são a renúncia à liberdade e nem a manifestação do poder concedido por contrato ou por violência (pela imposição de uma classe dominante).

Além disso, Castro (2009) ressalta que as relações de poder visam outras ações: induzem, separam, limitam, controlam, etc. O exercício de poder é uma ação que busca conduzir a outras ações possíveis. Quando se trata de controlar e fabricar indivíduos, temos o que Foucault chama de disciplina; quando se trata de controlar e conduzir populações, temos o biopoder.

Um exemplo disso é o poder psiquiátrico: através do hospício e de técnicas hospitalares (os dispositivos), produziu-se o louco como doente mental. Outro exemplo de poder enquanto força produtiva é a fabricação de novos criminosos pela prisão, sem os quais não justificaríamos e manteríamos a (função da) polícia.

De forma geral, Castro (2009) diz que não há teoria do poder em Foucault, pois, conforme o próprio filósofo, não é possível delimitar uma essência ou características universais do poder as quais poderíamos definir. Nem genealogia nem arqueologia têm o objetivo de fundar uma ciência, de construir uma teoria. O objetivo é realizar análises fragmentárias (pois não há a continuidade da/na história) e transformáveis.

Segundo Foucault (2007), em toda sociedade há relações de poder diversas que a caracterizam e que permitem o funcionamento de instâncias, técnicas e mecanismos que distinguem o verdadeiro do falso. A partir disso, propomos pensar a personagem Máiquel enquanto um efeito de poder. Mas não se trata de um poder estatal (macro). Foucault (2007) propõe uma noção produtiva do poder. Segundo o filósofo, o poder não é só repressivo, não é somente aquilo que nega ou proíbe. Trata-se de lutas cotidianas de interesses (políticos, econômicos, sociais). Não é uma coisa em si, uma propriedade. Essa noção de positividade do poder (ele produz e não somente reprime) está no fato de que, para Foucault, segundo o que explicita Castro (2009), o poder fabrica indivíduos e não apenas reprime, pois os indivíduos não são pré-existentes a ele, como se houvesse uma identidade contínua que devesse ser reprimida. Além disso, a força do poder está justamente na sua positividade (característica de produzir através de dispositivos palpáveis).

Destacamos as relações de micropoderes mais significativas para nossos objetivos: Carvalho-Máiquel, Santana-Máiquel, Érica-Máiquel, Ombra-trafficantes e Máiquel-comunidade. Nosso objetivo é analisar algumas práticas (principalmente, o homicídio) a fim de entender as relações de poderes que perpassam as tramas de *O matador* e sua relação com o exercício de identidades de Máiquel.

## 2.1 Carvalho: o doutor e o tratamento dentário

Carvalho é quem inicia Máiquel na carreira de matador profissional quando o contrata para matar Ezequiel e o apresenta para seu grupo de amigos, o qual é formado por empresários, médicos, autoridades políticas e policiais.

Com Carvalho, Máiquel sente que, ser o matador, adotar essa identidade, é justamente pertencer àquela comunidade. E, de fato, é mesmo. É certo que estamos diante de um sujeito, digamos, propício para os interesses de Carvalho: “você tem os dentes ruins, eu sou dentista, eu tenho um problema e você tem os dentes ruins” (MELO, 2002, p. 32).

A relação entre Máiquel e Carvalho se apóia em interesses. Máiquel não é obrigado a matar ninguém. Porém, sua dor de dentes o incomoda muito. O destaque para sua dor de dentes é bastante significativo. Carvalho é quem pode resolver este problema. Eis uma negociação: um estuprador, uma criança e o desejo de vingança de um lado, e, de outro, um vendedor de carros usados, sem dinheiro para tratar os dentes podres, que pode matar o estuprador. O dizer que funciona como verdadeiro: Gabriela, uma criança, foi violentada sexualmente por Ezequiel, um homem muito mal. Uma verdade que é produzida por Carvalho, doutor, homem inteligente, que mora num casarão em meio a tapetes e móveis caros e que vai tratar dos dentes de Máiquel. Máiquel pensa: "Não achava nada boa a idéia de ter que matar outro cara. Mas meu dente doía para carvalho" (MELO, 2002, p. 33).

Ainda que Máiquel não visse nada de errado no comportamento de Ezequiel, as pessoas demonstravam ódio por ele e diziam que ele era um estuprador e tinha, inclusive, passagem pela polícia. Máiquel se mostra indiferente ao fato de Ezequiel ser ou não um criminoso. Não conseguia sentir o mesmo ódio que Carvalho. No entanto: “O Dr. Carvalho não era o meu patrão, mas eu obedecia porque ele era um homem bom, honesto e estava cumprindo a sua parte no trato, obturar dentes podres” (MELO, 2002, p. 44). Carvalho era um homem bom e honesto, na visão de Máiquel, porque era doutor, tinha boa situação financeira e cumpria o acordo. Ezequiel era um negro pobre que trabalhava numa loja de animais. Carvalho possui voz de autoridade para dizer o que é crime ou não. Riqueza e caráter são sinônimos na concepção de Máiquel.

Podemos ver, na fala de outra personagem, um fabricante de espuma que também contrata os serviços de Máiquel, essa relação entre a produção da verdade e o exercício de poder:

Nós estamos muito satisfeitos com você, ele disse, muito satisfeitos mesmo, esse rapaz, esse Conan, esse ladrão roubou carro de muita gente aqui no

bairro. Bar de mogno, mesa de jantar de mogno, estante de mogno, gostei. Roubou o carro do doutor Ricardo. Do doutor Marcelo. Quadro de flores, adorei. Do doutor Pedro, do doutor José Carlos. Quadro de cavalos, adorei. O dono da farmácia ali da esquina (MELO, 2002, p. 101).

Quem produz o discurso da criminalidade faz parte de uma parcela bem favorecida da sociedade. As vítimas são doutores e empresários. Os criminosos são pobres e negros. Há essa relação entre autoridade e prestígio sócio-econômico. Os trechos em que aparece uma descrição dos móveis de mogno são falas de Máiquel. Enquanto o fabricante de espumas fala, somos entregues a um passeio em sua casa, revelando-nos a sua condição econômica. O prestígio social que essas pessoas roubadas por Conan possuem é justificado pelo *status* de doutores. A anulação do outro acontece pela sujeição de um determinado grupo social a outro. Predomina uma hierarquia em que o pobre se submete ao rico e a diferença étnica está sujeita a uma divisão econômica: pobres e negros ficam separados e agrupados num único grupo que é discriminado, marginalizado e cujas práticas tendem, no romance, a ser julgadas como crimes.

Carvalho não se importa com problemas sociais. Apenas quer vingança, punição. A punição, através da morte, é uma forma de manter uma imagem de pureza e inocência que ele próprio produziu para sua filha. O dentista defende a pena de morte porque vê na eliminação do outro (Ezequiel) um instrumento útil para sua vingança, para o controle de suas verdades (Gabriela é pura, Ezequiel é um criminoso). O pai de Gabriela precisa criar um criminoso para que ela seja uma vítima, pois, como vimos, tal descrição de pureza que Carvalho dá a sua filha é contestável. Toda a fala em que Carvalho utiliza fatos bíblicos para dizer que a pena de morte é um direito, trata-se de um discurso que ele utiliza para fazer funcionar um dispositivo em prol de seus interesses: matar. A eliminação de Ezequiel é um meio, a vingança é um objetivo.

## **2.2 Santana: a institucionalização de uma prática**

As relações de micropoderes são as estratégias cotidianas que existem em toda prática social nos mais variados níveis da sociedade. Vemos que isso é muito claro em *O Matador*: Máiquel, de um simples vendedor de carros usados, é elevado a herói não por um exercício de poder que lhe nega algo, mas por relações de poder que tornam verdadeiro o discurso que defende Máiquel como herói.

Não somente os grupos de prestígio econômico o sustentam assim: no romance, demais grupos exercem tipos diferentes de prestígio (policiais, advogados, traficantes, ladrões, médicos, pequenos empresários) e cada um, com seu alcance de autoridade, faz de Máiquel um herói. Existem interesses diversos que entram no jogo da construção de um herói que vinga os ofendidos, extermina o mal e pune os inadimplentes. Essas relações cotidianas de poder são relações de interesses:

Eu tenho acompanhado seu trabalho, meus homens falam muito de você. Fui eu que pedi para o Carvalho nos apresentar. As pessoas aqui do bairro te adoram e você sabe disso. Os comerciantes te respeitam. A polícia te respeita. As donas de casa te respeitam. E o que você faz, Máiquel? Eu matava pessoas, mas isso eu não disse, fiquei esperando ele responder. [...] Eu queria te propor sociedade, Máiquel, numa firma de segurança patrimonial (MELO, 2002, p. 123).

Eis, então, Santana, delegado do bairro que convida Máiquel a compor a OMBRA (empresa de matança camuflada de empresa de segurança): trata-se da consolidação desse herói, uma concretização do acordo entre Máiquel e a sociedade, a qual chega ao ponto de homenageá-lo “Cidadão do ano” devido aos serviços que presta àquela comunidade, os mesmos “serviços” pelos quais será expulso e chamado “criminoso” no final da segunda parte do romance. Essa aliança traz a Máiquel, como ele próprio diz, “uma paz quente” que o rapaz até pensa em mostrar o cadáver de Cledir (a esposa de Máiquel que, num acesso de raiva e efeito de cocaína, é estrangulada por ele), que estava no porta-malas do carro que dirigia, porém, não chega a tanto. Máiquel se contenta em enterrar, feliz, o cadáver de Cledir, enquanto fazia planos para o futuro.

Esse “contrato” entre Máiquel e Santana é outra representação de exercício de micropoderes: o delegado precisa de alguém que faça o serviço “sujo” (matar) e, devido ao seu cargo militar, exerce sobre os civis o estatuto de quem leva a segurança, a paz e a justiça. Santana diz que Máiquel está fazendo um bem para a sociedade. Cabe ao delegado dizer o que é justiça, quem deve praticá-la, quem é criminoso e como deve ser punido. Não importa por que meios ela seja praticada. Santana exerce um poder naquele lugar que consolida Máiquel como o herói, o justiceiro. Esse acordo, então, faz Máiquel pertencer àquela comunidade e nela exercer sua identidade de herói.

A idéia de Santana é bem mais clara e evidente: ele participa das matanças, mas não pode ter seu nome envolvido com os assassinatos. Santana exerce essa autoridade e provoca essa segurança em Máiquel porque é delegado. Ainda que muitas outras pessoas participem

da produção do discurso que instaura Máiquel como herói, devemos nos lembrar dos discursos que não circulam livremente e são absorvidos pelos sujeitos, não se repetem da mesma forma e nem possuem o mesmo alcance.

Santana é quem negociará os “esquemas” necessários para a manutenção do discurso de que Máiquel é um herói. Como é delegado, Santana é o responsável pelos procedimentos legais e ilegais para institucionalizar o dispositivo de controle daquela comunidade. É Santana quem proporciona a permissão para Máiquel matar (em nome da justiça). De crime contra a vida, matar se torna esse dispositivo de controle, maquiado de empresa de segurança. A segurança, sim, existe, porém, só acontece por meio do controle de alguns indivíduos.

Mitificar o matador e torná-lo um justiceiro são ações que, ao mesmo tempo, produzem e mantêm os poderes que Santana, Carvalho e os protegidos da Ombra exercem. Produzir um discurso de justiceiro-herói é uma forma de manutenção da ordem que permite o exercício de certos poderes e a circulação e produção de determinadas verdades. Mas é bom lembrar que a produção de uma verdade que diz “Máiquel é um herói” só é possível porque a sociedade permite. Esse dispositivo “matar” só funciona porque é aceito, porque se liga a objetivos particulares e comuns das pessoas, seja uma pequena revanche, uma vingança, uma punição a um ladrão de televisores, seja por desejo de manter imagens/identidades, de manter e expandir o exercício de poderes. A questão é que nenhum dispositivo de manutenção de produção de poderes e verdades seria possível não fossem os desejos particulares e diversos que permeiam a sociedade representada no romance.

Segundo Foucault, a questão é “estudar o poder onde sua intenção – se é que há uma intenção – está completamente investida em práticas reais e efetivas” (2007, p. 182). Não há algo a que chamamos de poder, mas há relações de poder que constituem uma rede de mecanismos que funcionam e que permitem a produção de saberes/verdades. A aliança com a autoridade é ponto alto da negociação entre Máiquel e a sociedade.

### **2.3 Traficantes: a demarcação dos espaços**

Os serviços prestados pela Ombra eram de manutenção da segurança e de punição de crimes. A manutenção da segurança pela qual alguns comerciantes pagavam estava relacionada a acordos entre traficantes. A fim de conseguir drogas e armas, as pessoas roubavam casas, carros e estabelecimentos comerciais. A Ombra fechava acordo com os

traficantes para que essas pessoas não invadissem certas áreas em que houvesse contrato com a empresa. Um caso interessante é o de um garoto que rouba a televisão de um padeiro e é obrigado a devolver o aparelho pelo próprio traficante que lhe fornecia drogas. Enoque, um dos quarenta homens que integram a empresa, relata:

O Duque, eu vou te dizer, o Duque é um traficante bacana à beça, é um cara de caráter. Gente fina. Ele não invade nossa praia. O problema são esses merdinhas, eles roubam nossos toca-fitas, nossos tênis, nossos relógios, nossos cordões de ouro, e vão lá no Duque trocar por pó e por crack. Só que o Duque não sabe que eles estão roubando nossa área (MELO, 2002, p. 162).

Não interessa aos protegidos da Ombra se Máiquel e sua equipe são viciados, se Santana fornece drogas para Máiquel ou se a empresa faz acordos com traficantes de favelas. O que importa é que os ladrões não invadam suas casas, que as padarias estejam abertas sem temer um assalto, que os estupradores paguem pelo crime que cometeram, que um sujeito não invada a área do outro. Cada um deve estar em seu lugar, em ordem. Os ladrões da Favela do Vietnã (área de Duque) devem ficar por lá. Isso é manter a ordem, portanto a limpeza. A Ombra é contratada para manter as coisas e as pessoas na ordem estabelecida. Os traficantes, criminosos em primeira instância, acabam por participar da manutenção da segurança e da ordem. A relação entre traficantes, policiais, comerciantes, assaltantes e demais moradores daquelas periferias se baseia em um acordo de domínio de espaço. Procuram trabalhar juntos, e cada um em prol de seu interesse, para que esse espaço seja respeitado. Uns pagam para isso, os comerciantes, por exemplo; outros recebem para isso, os traficantes e a Ombra. A comunidade representada em *O matador* inventa sua própria ordem das práticas, dos dizeres e das pessoas. Assim, torna-se bem complexa a definição de criminalidade, posto ela estar imbricada a uma rede de relações de poder e de discursos que constroem e desconstroem a ordem conforme os objetivos pessoais e de pequenos grupos.

## **2.4 Érica e Cledir: o sexo e o casamento**

No quinto capítulo, Érica invade a casa de Máiquel, assustando-o:

Eu não sei fazer nada. Tenho quinze anos e nunca trabalhei, o Suel cuidava de mim. O Suel disse para eu nunca falar com a polícia. Eu tenho medo da polícia. Jenifer, minha amiga, disse que eu devia te entregar. A mãe do Suel também. Ela me botou para fora de casa, a gente morava lá, eu e o Suel.

Agora eu estou na merda. Vou ficar aqui, na sua casa. Vou morar aqui. Não adianta você me mandar embora, eu não vou. [...] Você tem que me sustentar. Tem que me aguentar. Tem que me dar comida, roupa, o que eu precisar. Se você não tivesse matado o Suel, eu estaria com ele (MELO, 2002, p. 40-41).

Juntamente com essa novidade, Cledir anuncia sua gravidez, resultado da violência à qual é submetida por Máiquel. O rapaz, no momento da notícia, num ímpeto, diz que se casaria, porém, quando vai pedir a mão da moça à sua mãe, pensa em desistir. Não fosse a morte da mãe de Cledir, Máiquel teria desistido do casamento. Mas, frente à fragilidade e ao abandono em que se encontra a moça, o rapaz cede. Máiquel se casa com a vendedora do Mappin e faz planos de trabalhar honestamente, cuidar dos estudos de Érica e da criança que Cledir esperava. Pensa em assumir essa vida de pai, marido e trabalhador comum. No entanto, apaixonou-se por Érica, que se torna sua amante. Insatisfeita com essa condição, a garota foge e cria laços de amizade com um pastor de igreja, Marlênio. Neste momento, Samanta, a criança que Cledir esperava, nasce.

Érica é uma personagem complexa quando pensamos nos efeitos que seu envolvimento com Máiquel acarretam. Um deles, o mais evidente, é o assassinato de Cledir. Embora a garota reclame do trabalho de Máiquel, ela deixa bem evidente um desejo seu: pede a Máiquel que mate Cledir. A morte da vendedora do Mappin não acontece apenas em razão deste pedido de Érica, mas em muito este desejo determina a tragédia. Somente quando Máiquel tira a vida de Cledir é que Érica reaparece. Friamente o ajuda a esconder o corpo da mulher. A partir de então, Samanta fica aos cuidados de Érica. Os três, após o acordo entre Máiquel e a Ombra, mudam-se para uma casa luxuosa. Máiquel vive seus dias de glória como justiceiro da comunidade.

Máiquel, em relação à Érica, é um homem dominado pelo desejo:

Eu não via Érica desde o meu casamento, eu nem pensava mais nela, eu era um homem casado, eu tinha um emprego, o barulho do chuveiro elétrico me deixou atormentado, schhhhhhhhhhhhhhh, a água, a chuva, senti vontade de ver Érica tomando banho, ela está sem roupa (MELO, 2002, p. 76).

Seu desejo tem uma estreita ligação com um agir paternal que Máiquel exerce quando Érica aparece à porta de sua casa, colocando-se sob a tutela do assassino de seu namorado e também com o comportamento da garota. Além de fisicamente atraente, jovem e bonita, Érica produz um fascínio sobre Máiquel que o deixa encantado, submisso:



Érica era uma garota muito inteligente, e cada vez mais eu gostava de ficar com ela. Olhos espertos, músculos, muito diferente de Cledir. [...] Esse era o jeito de Érica me dominar, os almanaques que ela lia, os jornais, as reportagens na televisão, as viagens, os dicionários, os cursos de inglês por correspondência, as coisas que ela sabia, cantava, recitava, eu sempre me sentia um ignorante ao lado de Érica (MELO, 2002, p. 87).

Máiquel distingue bem entre sua mulher e a mulher que amava. Para ele, Cledir cuidava da casa, de sua filha, dele próprio e nunca o trairia. Érica, sim, o trairia. Tinha olhar traiçoeiro e vivo. Bebia, dançava, ria. Cledir representa a pressão e a convenção do casamento. Érica, os prazeres. Ela está presente através do sexo, da inteligência, da beleza, dos vícios (cigarros, bebidas, drogas) e da aventura (seu pai era caminhoneiro e a levava por diversos lugares do país). Érica representa a realização dos desejos de Máiquel, um rapaz retraído, tímido e que nunca se arriscava. O relacionamento entre Máiquel e Érica é parte do processo identitário do matador.

Máiquel foi educado como um homem que precisa ter uma namorada, uma esposa e filhos. Precisa trabalhar e cuidar do sustento da casa. Sua mulher, a que seria a mãe de seus filhos, deveria ser uma mulher decente. Essa convenção do namoro e do casamento também está atrelada ao exercício de identidades: pai, marido, trabalhador. Seriam as identidades que um homem, conforme a educação de Máiquel, deveria exercer. Máiquel experimenta a vida de casado. Ele precisa exercer uma identidade, mesmo que seja a que está disponível: marido.

... eu estava indo para casa, Cledir já devia ter chegado do Mappin, eram oito e meia da noite, ela iria ficar feliz, arranjei um emprego, ela fazendo feijão e eu falando sobre o meu emprego novo, ótimo, ela ia dizer, agora a gente vai poder economizar, vai poder fazer uma caderneta de poupança, vamos comprar coisas [...], a Cledir é bem legal, eu disse para mim mesmo, que bom que eu casei com a Cledir (MELO, 2002, p.75-76).

Cledir, num certo momento, exerce sobre Máiquel um poder que o atrai porque ela representa o casamento, o compromisso. O namoro e o casamento são dispositivos que permitem, por um pequeno período, o exercício de poder de Cledir sobre Máiquel. Dispositivo que também permite o exercício e a produção de identidade.

Cledir é frágil quando estuprada e quando perde a mãe. Para Máiquel, ela precisa de um homem que a proteja. A fragilidade é então outro meio que aproxima as duas personagens e que projeta outra identidade: protetor. Máiquel cuida de Cledir quando sua mãe morre e até desiste de desfazer o casamento, algo que pensava fazer. Máiquel foi educado num molde

tradicional em que homens são fortes e não choram. Homens que precisam subjugar e/ou proteger a mulher. Posto isto é que Cledir se torna sua esposa:

Na minha família, os homens não costumam chorar. Não por causa do machismo, embora sejamos machistas. [...] Não mostramos nada do que acontece embaixo da nossa pele. Isso é educação. Meu avô era assim, meu pai era assim e meus filhos serão educados dessa maneira (MELO, 2002, p. 18-19).

No entanto, Cledir (e o casamento) representam também a prisão, ou seja, o impedimento de exercer outras identidades. Quando escolhemos uma identidade, automaticamente abandonamos outras e algumas delas são incompatíveis. Se Máiquel é marido de Cledir, logo não pode mais exercer a identidade solteiro. O máximo que pode fazer é se tornar um marido adúltero.

Máiquel sente a pressão e o confinamento a uma identidade fixa (marido de Cledir). A personagem Érica acentua essa luta entre as identidades do matador através, principalmente, dos jogos de sedução, do sexo, da paixão e da ânsia por liberdade e prazer.

## **2.5 Máiquel e a comunidade**

Máiquel é indiferente às suas vítimas. “E daí? O que eu tinha a ver com isso? Ezequiel saía por aí fodendo mulheres e o problema não era meu” (MELO, 2002, p. 44). Aprende a matar de uma maneira mecânica. Seu trabalho era matar. Contratavam-no para um serviço e ele o executava, nada mais. Quando o discurso de justiceiro e herói emerge, o matador não entende a dimensão que este discurso toma. Pessoas usam seu nome para criar leis e dar ordens. O mito foi criado. Porém, o que Máiquel sabe é que ele trabalha para a segurança e para a limpeza da comunidade. Máiquel só é temido pelos demais ladrões e pessoas quando estas são alvo da Ombra ou de alguém que contrate os serviços do protagonista.

No entanto, com o passar do tempo, ele é, concomitantemente, respeitado pela comunidade e temido quando há infração de “suas” leis. O que coloca Máiquel acima dos demais estupradores e ladrões é o fato de ele ser importante para os projetos de Carvalho, Santana e Cia e porque ele também atende a uma necessidade de justiça popular. Isto o diferencia dos demais criminosos. É assim que ele exerce uma relação vantajosa em relação a suas vítimas. Máiquel tem a permissão para fazer a justiça, para punir, para atuar em nome da

comunidade a partir do momento em que ele assume os desejos de justiça da mesma. Uma verdade o instaura como herói, absolvendo-o de uma prática classificada como crime, porque desejos e projetos assim o permitem. O fato é que estamos falando de uma prática e das verdades (discursos aceitos) que circulam sobre essa prática. Falamos de desejos que encontram nessa prática (matar) uma maneira de serem realizados, um dispositivo usado para concretizar projetos, vontades e interesses muito particulares daquela comunidade, das pessoas que vivem nessa comunidade. O próprio Máiquel é um dispositivo porque exerce um posicionamento (matador) que efetiva essa prática que, por sua vez, é institucionalizada pela criação da Ombra.

No terceiro capítulo, faremos uma análise do exercício da identidade *matador-herói* através da perspectiva de fluidez de Zygmunt Bauman (2005). Traremos ainda a problemática da identidade pelas propostas de Erik Erikson (1971) e Stuart Hall (2005) a fim de realizar um paralelo entre diferentes teorias.

## CAPÍTULO III

### O EXERCÍCIO DA IDENTIDADE *MATADOR-HERÓI*

As problemáticas da identidade não constituem novidade no campo do saber e são levantadas por diversas perspectivas teórico-metodológicas. O estudo da identidade ou dos efeitos que ela produz pode ser encontrado no âmbito das ciências psicológicas, da sociologia, da filosofia e dos estudos culturais. Neste capítulo, a fim de fechar o plano de análise proposto, colocaremos em discussão três estudiosos da identidade: Zygmunt Bauman (2005), Erik Erikson (1971) e Stuart Hall (2005). Após apresentarmos os principais argumentos de cada autor, passaremos à análise do exercício de identidade de Máiquel, explicando de que maneira tal exercício poderá ser entendido e relacionado à noção de dispositivo de micropoder.

#### **3.1 A identidade em questão: modernização, cultura e desenvolvimento da personalidade**

Afirma Bauman que a "fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente." (2005, p.22). A construção da identidade na pós-modernidade segue uma racionalidade do objetivo, ou seja, não é um trabalho que visa chegar a um objeto (como a imagem de um quebra-cabeça), mas sim um trabalho que deve contar com fragmentos de imagens diversos e numerosos. Não se trata, segundo Bauman (2005), de pensar em como chegar ao projeto final, mas em como usar os meios disponíveis, pois o objetivo (imagem final da identidade) não foi posto. Bauman (2005) relembra Levi Strauss quando este diz que o construtor de identidade é um *bricoleur* que constrói diversos objetos com o material que tem em suas mãos. A identidade nem sempre foi fluida. Ela passou por sua fase sólida quando, na modernidade, as instituições e estruturas político-sociais ainda se encontravam sólidas, as quais davam a certeza da formação e manutenção das identidades pessoais. Hoje, sem esse apelo ao Estado, torna-se mais fluida a formação de uma identidade, o que leva os sujeitos a tomarem muitas posições, a experimentarem identidades várias. Afinal, há muitas disponíveis e é tentador experimentá-las. A sociedade não é mais o árbitro justo e honesto que

coordena os indivíduos e os orienta; ela é o outro jogador, desonesto e trapaceiro, é o lugar em que as pessoas devem buscar uma resposta única e verdadeira, mas é outro campo de luta. A sociedade exerce seu poder, agora, de forma não localizável (BAUMAN, 2005, p. 58).

Outra perspectiva de identidade encontramos em Erik Erikson (1971), que acredita que as pessoas passam por fases de desenvolvimento cognitivo e social de sua personalidade e que cada fase é acompanhada de uma crise que, conforme um diagrama do autor, caracteriza-se por um enfrentamento entre o desenvolvimento e a mudança. Assim, teríamos confiança *versus* desconfiança, autonomia *versus* dúvida ou vergonha, iniciativa *versus* culpa, integridade *versus* desespero, etc. Portanto, o sentido da palavra crise não é negativo; pelo contrário, significa a fonte ontogenética, pois a criança se desenvolve a partir da crise, de (des) ajustamentos e de superação de suas vulnerabilidades.

Um ponto basilar do desenvolvimento da personalidade é a confiança, ou seja, uma atitude que as pessoas tomam seguramente em relação ao mundo (ao outro) e a si mesmas. Quando a confiança é prejudicada, os adultos, por exemplo, demonstram certa alienação, um comportamento que Erikson (1971) chama de “ensimesmamento” e que tem nos psicóticos sua manifestação crônica: o indivíduo fecha-se em si mesmo e torna-se indiferente aos demais. Por esse motivo (a deterioração da confiança que culmina na alienação), o sentimento de confiança é tão crucial para o desenvolvimento da personalidade, o qual não acontece sem o diálogo entre os fatores cognitivo e social.

Pela perspectiva cultural, temos Stuart Hall (2005), para quem as identidades estão sendo “descentradas” na modernidade tardia, isto é, o indivíduo tem passado por uma perda de sentido de si e do mundo, por um deslocamento de seu lugar social e de si mesmo. Tal crise de identidade se deve às mudanças culturais decorrentes do processo de globalização. O autor defende a idéia de que nos encontramos em um momento pós toda noção de essência, o que podemos verificar através de três concepções de identidade, as quais estão imbricadas às concepções de sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e pós-moderno.

O nascimento da idéia de sujeito relaciona-se a pensadores como Descartes, para quem o indivíduo é o centro da mente e Locke, para quem a identidade é contínua, permanece a mesma e se define pelo alcance de consciência do indivíduo. Hall (2005) explica que esse centramento e essa unidade deram lugar a uma percepção mais coletiva, pois as teorias liberais (que postulavam um sujeito soberano) já não conseguiam lidar as estruturas de estado-nação em que se transformavam as sociedades modernas. A partir de então, temos o sujeito sociológico, cuja identidade é estabelecida dentro da estrutura social. Esta visão vem da solidificação das ciências sociais no século XX.

O sujeito pós-moderno ou descentrado, segundo Hall (2005), afirma-se com cinco movimentos teóricos nas ciências humanas a partir do século XX: o primeiro descentramento refere-se ao pensamento marxista de que o homem não age senão sob condições históricas determinadas e que não há essência universal, mas sim relações sociais que movem a história, sendo o indivíduo interpelado e determinado por essas relações. O segundo descentramento está na tese freudiana de que nossas identidades são constituídas por processos simbólicos do inconsciente, o que contrapõe a idéia de sujeito racional e autônomo cartesiano. Lacan prossegue essa teoria acrescentando uma leitura em que a identidade é aprendida e construída na relação do "eu" com o Outro. A identidade não é inata e sim um processo gradativo que ocorre na interação com aquilo que é exterior ao indivíduo. O terceiro descentramento acontece quando Saussure afirma que a língua não é apenas instrumento de expressão. O indivíduo não tem controle sobre a língua, pois ele não é autor de suas afirmações. Foucault colabora para o quarto descentramento ao defender sua genealogia, a qual permite diagnosticar a individualização do sujeito através de dispositivos de poder. Este tipo de poder, a disciplina, tem como objetivo controlar as condutas humanas através de instituições cada vez mais coletivas e organizadas. O feminismo, que culmina na década de 60 do século XX, promove grande politização das identidades e das subjetividades através de questionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais. Fato este que o faz ultrapassar os limites de contestação da posição social das mulheres e constituir o quinto descentramento do sujeito.

Considerando que estes autores enunciam a partir de diferentes áreas do saber, não nos posicionaremos contra qualquer destes modos de compreender a identidade, pois não se pode criticar uma linha teórica a partir dos pressupostos de outra. Buscamos, na realidade, apresentar diferentes visões acerca desta temática para que fosse possível melhor situar a análise da personagem Máiquel através da noção de identidade fluida e da função desta identidade como um dispositivo de poder. A principal diferença entre estes três pontos de vista está no desejo de realização identitária. Em Erikson (1971), as crises, tão necessárias ao desenvolvimento da personalidade, são um aspecto inerente à formação psicológica do indivíduo. As crises de identidade são parte do conjunto de transformações psicológicas que culminam na formação de uma identidade final. Bauman (2005), por sua vez, defende que no mundo pós-moderno, o objetivo das pessoas não é a identidade, mas a opção entre várias identidades. A crise seria efeito da incapacidade de lidar com a quantidade e diversidade de identidades que nos são disponibilizadas pelo processo de globalização. Hall (2005) aponta a crise de identidade como produto das mudanças sócio-econômicas. A identidade, para Hall

(2005), deixa de ser uma para ser várias, mas não como uma estratégia *don-juanesca*<sup>6</sup>, conforme Bauman (2005), e sim como uma determinação cultural.

As identidades da personagem Máiquel serão vistas pelo viés da fluidez defendido por Bauman (2005) não porque desconsideramos os apontamentos de Erikson (1971) e de Hall (2005), mas porque entendemos este protagonista como um indivíduo que revela dificuldades em lidar com as identidades que lhe estão disponíveis. E, como vimos, muitas dessas identidades são incompatíveis entre si, pois são criadas para permitir o funcionamento de certos dispositivos de poder, tais como a prática de matar pessoas e instituição denominada Ombra.

### 3.2 O matador: herói e criminoso

Depois do primeiro serviço que realiza para Carvalho, Máiquel é contratado para alguns outros, especialmente, para matar ladrões que roubaram os pertences de algum empresário ou advogado. Desde então, temos as primeiras afirmações identitárias do matador: Máiquel, então, assume a identidade de herói. Ele entra na ordem dos discursos que instauram uma verdade sobre o que fez (matar). Se dizem que ele é bom, então Máiquel é bom.

Não se trata, bem entendido, nem da sucessão dos instantes do tempo, nem da pluralidade dos diversos sujeitos pensantes; trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis (FOUCAULT, 2006, p. 58).

As relações de poder predizem identidades que devem ser exercidas numa ordem do discurso, nos limites de um dado regime de verdade. Em *O Matador*, Máiquel é atravessado por uma série de alternativas: poderia se casar, continuar trabalhando na loja de carros usados; criar Samanta como um pai presente, atento e “limpo”; constituir uma família e cumprir as funções de pai, marido e trabalhador sem complicações tantas, em vez de assumir a função matador. Os regimes de verdade do romance fazem funcionar identidades que lhe aparentam ser opções, mas opções que estão sujeitas a uma coerção social, a uma convenção, à (in) aceitabilidade de determinadas práticas. Mesmo porque, os crimes dos quais Máiquel é

---

<sup>6</sup> Bauman (2005) vê a personagem Don Juan como o inventor da estratégia de seguir o jogo da sociedade: não ser fixo nem localizável, ser versátil, imprevisível, flexível e volátil. As habilidades de permanente autocriação, de espontaneidade e de vitalidade caracterizam o herói moderno, pois estas características, explica Bauman (2005), são uma manifestação das inquietações e dos anseios do sujeito moderno e fazem com que Michel Serres, em sua obra *Hermes*, considere Don Juan o primeiro herói da modernidade.

acusado funcionam como “serviços” bem aceitos pela sociedade até certo momento. A personagem procura sobreviver à movência identitária, à fluidez com que suas relações com o outro acontecem. Bauman (2005) afirma que a identidade está ligada à idéia de pertencimento a um grupo ou a uma comunidade e ambos, identidade e pertencimento, são flexíveis, mutáveis, cambiantes. Segundo o sociólogo, é impossível alcançar a identidade e aquele que se arrisca a isso, sofre por uma tarefa perdida, vã. Buscar a identidade é uma atitude infinitiva, que nunca acaba, nunca termina, nunca se realiza. A identidade é inventada, experimentada. Além disso, a identidade, que num momento se exerce, não mantém a forma por muito tempo e rapidamente se desfaz.

Segundo Bauman (2005), na globalização, as identidades são peças que não se encaixam umas nas outras como as peças de um quebra-cabeça a fim de montar uma imagem final que vem estabelecida. A identidade não possui uma meta a ser alcançada, ela própria é a meta, é o objetivo de tentar juntar as peças e formar imagens possíveis, de conciliar identidades tão diversas quantas nos forem apresentadas.

Ao pensarmos nas discussões de Bauman (2005), podemos ver que Máiquel sofre justamente porque busca uma unidade que não existe. Ora, se o sujeito se submete a assumir uma identidade unificada, fechada, ele viverá em agonia. Por outro lado, se opta por transitar entre tantas identidades que lhe estejam disponíveis, também não estará tranqüilo. Máiquel peregrina entre ser um pai de família ou ser um assassino; entre ser marido e amante; viciado e vendedor de animais. Conforme Bauman (2005), a identidade pós-moderna/líquida é uma condição *don-juanesca*. Não buscamos uma identidade fixa e coesa. Digamos que é possível fazer um paralelo entre Don Juan (o primeiro herói moderno) e Máiquel: eles têm em comum a potencialidade de mutação. Se não há uma consciência da necessidade de mutação, o sujeito se encontra numa permanente agonia – crise de identidade. Máiquel, porque não pertence a nada. Já "Don Giovanni vivia num estado permanente de autocriação" (BAUMAN, 2005, p. 58).

Entretanto, Máiquel não resiste a assumir o novo homem loiro que vê ao espelho e se rende a essa outra moldura, a essa identidade comprada, pois a identidade também se torna, segundo Bauman (2005), um produto de consumo. Máiquel, um consumidor, tem suas falas perpassadas pelas propagandas comerciais que estão misturadas às vozes das personagens, aos seus pensamentos e à narração da trama. Patrícia Melo deixa bem claro o quanto a personagem é influenciada pelo seu meio urbano. Não se trata de uma influência negativa, mas, digamos, previsível: vivendo em um grande centro urbano, o protagonista é invadido visual e auditivamente pelo apelo comercial. As falas das personagens se misturam aos



cartazes e outdoors das ruas e não se sabe se estas estão lendo, se são seus pensamentos ou se se trata de uma fala à parte de seu discurso. A questão é que não se pode ignorar o caráter consumista e midiático das personagens e de suas identidades e práticas: "se os nossos ancestrais eram moldados e treinados por sua sociedade como, acima de tudo, produtores, somos cada vez mais moldados e treinados como, acima de tudo, consumidores, todo o resto vindo depois" (BAUMAN, 2005, p. 72).

Não se deve falar em "falsas identidades", pois isto criaria uma "verdadeira identidade" e esta não existe, já que não queremos apenas uma identidade, já que fugimos da prisão identitária, já que somos movidos por modismos passageiros e pouco duráveis. (BAUMAN, 2005, p. 97). Máiquel inventa sua identidade: um cara louro, no carro, ao lado uma mulher muito bonita que deve ser sua, levando-a para sair: um homem que ele nunca foi. A primeira coisa que Máiquel faz é comprar roupas novas, para investir no novo visual, no homem que agora é "iluminado por Deus":

Sempre me achei um homem feio. Há muitas curvas em meu rosto, muita carne também, nunca gostei. Meus olhos de sapo, meu nariz arredondado, sempre evitei espelhos. Naquele dia foi diferente. Fiquei admirando a imagem daquele ser humano que não era eu, um loiro, um desconhecido, um estranho. [...] De repente todos os meus traços tornaram-se harmônicos, a boca, que sempre fora caída, continuava caída, o nariz continuava arredondado, as pálpebras inchadas, porém tudo isso era bobagem porque havia algo maior, mais importante, a moldura. Havia luz em minha face, e não era luz artificial de refletores. Era aquela luz que a gente vê em imagens religiosas, luz de quem é iluminado por Deus. Foi assim que me senti, próximo de Deus (MELO, 2002, p. 10).

Notemos o abandono de uma identidade antiga, a transição entre uma e outra, identidade localizada que se quer criar para si e para os outros, a imagem inventada traduzida na vida sem bigode que não foi boa e que se mistura à superstição da personagem.

Máiquel entra na loja e escolhe uma vendedora: "Escolhi **uma** morena." (MELO, 2002, p. 11, grifo nosso). Ele apenas escolheu a mais bonita, uma morena, em que o artigo indefinido "uma" indica essa escolha entre várias. Cledir não era uma escolha, porque era bonita. Ele acaba de estar com Arlete e não se importa em tentar beijar Cledir. Ela, até certo momento, é a namorada que Máiquel decide ter para si porque ela é bonita, jovem, vendedora de uma loja do Mappin (shopping que, para Máiquel, exerce grande fascínio, posto ele ser um sujeito consumidor). Máiquel decide que Cledir será sua namorada. E, em vários momentos, passeia pelas alternativas entre casar-se e seguir o modelo padrão de felicidade ou enveredar-se pela marginalidade. Cledir representa uma opção de identidade para Máiquel. Casar-se,

trabalhar, ser honesto, ter filhos e seguir uma vida comum: "aquela moça que estava na minha frente era uma moça para se amar, era sorte na minha vida, e aquele homem era eu mesmo, um sujeito de sorte. [...] Eu não era homem para Cledir" (MELO, 2002, p. 58).

Máiquel é um típico "em cima do muro". Não gosta de escolher. Foge das escolhas o tempo todo. Tanto optar quanto fugir são atitudes que lhe causam agonia (seria sua dor de dente?), mas, a partir do momento em que a identidade *matador-herói* passa a ser aceita, Máiquel começa a se sentir a vontade para exercê-la. Ele tenta, inclusive, conciliar identidades não compatíveis: assassino, pai, matador, estuprador, vendedor de animais (ele gosta de animais), amante de Érica, viciado em cocaína, herói e criminoso. Como tudo isso conviveria em harmonia? Bem, para Máiquel, algumas deveriam ser abandonadas. Interessante é que as identidades *criminoso* e *herói* não se chocam durante um bom tempo, mas isso só acontece porque há uma convenção e concessão sociais.

Muitas outras "combinações identitárias" seriam possíveis, desde que aceitas socialmente. Cledir, inclusive, apesar de saber que foi estuprada, projeta em Máiquel um marido e um pai para seu filho. Aliás, Cledir sabe, inclusive, que Máiquel é um assassino, ela assistiu ao evento com Suel. Érica também, e permite, mas depois quer que Máiquel pare. Máiquel até se anima em desistir do casamento, mas diante da morte da mãe de Cledir e da fragilidade da moça, o rapaz volta atrás e cumpre seu papel.

Patrícia Melo cria uma personagem capaz de amar e matar. Isso é absurdo? Não. Máiquel mata Cledir. Ora, Máiquel matou Suel e Ezequiel com muita frieza, porém Gorba, Érica e Cledir são tratados com muito afeto. Samanta, a filha de Máiquel de certa forma também. Depois de estuprar Cledir, sente muita pena dela. Faz planos de dar uma educação a Érica, alimenta e cuida do porco em vez de comê-lo. A personagem revela carinho pelos animais da loja em que trabalha a até mesmo pelo seu patrão. O próprio Máiquel percebe a brusca transição de uma identidade a outra: "Foi assim, as coisas aconteceram desse jeito. Ele foi a primeira pessoa que matei. Até isso acontecer, eu era apenas um garoto que vendia carros usados e torcia para o São Paulo Futebol Clube" (MELO, 2002, p. 16).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise apresentou um olhar sobre a obra *O Matador*, de Patrícia Melo, em termos das relações de micropoder, procurando pensar o aspecto multifacetado e cambiante da personagem Máiquel. Temos, na referida obra, os pensamentos, as (in) decisões, as dúvidas, os amores e ódios do protagonista e até mesmo suas autoanálises sobre o mundo e sobre si mesmo. Pudemos ver que o romance grita as ironias de nossa sociedade, provocando um sentimento de estranheza quando nos deparamos com o fato de um banal tratamento de dentes ser colocado ao mesmo nível de um assassinato.

Se achamos as ações do protagonista absurdas ou não, isso vai depender do próprio leitor. O que é ironia no romance? Um criminoso ser o herói de uma comunidade? Isso não implica pensarmos no que seria crime? *O Matador* nos instiga a repensar nossos conceitos de violência, criminalidade e justiça. Deveríamos odiar e condenar Máiquel? A questão não é se Máiquel deve ser julgado/condenado ou punido, mas é refletir (não é esse um papel que atribuímos à literatura?) sobre os valores que elegemos, sobre nossas convenções e escolhas de conduta. Vimos, dessa maneira, que o exercício de identidade da personagem Máiquel está imbricado ao funcionamento de dispositivos de poder. Dispositivos que podem existir em forma de discursos, de práticas e de instituições; assim, matar passa de um pólo negativo para um pólo positivo: a posição de herói.

A prática de matar, de crime contra a vida, torna-se um dispositivo de conduta e de limpeza social que permite construir uma identidade *herói* para manter um controle e uma produção de poderes, de discursos aceitos como verdadeiros, sujeitos e espaços. A construção de identidade torna-se ela mesma um dispositivo que produz e que mantém poderes.

A noção de poder a que recorremos nesta pesquisa não esteve em função de delinear as identidades e de dizer suas origens, mas de encará-las como descontínuas, dispersas e mutantes, de pensar o poder enquanto luta movida pelo desejo de manter privilégios, de afirmar-se socialmente, de defender objetivos, de buscar reconhecimento. Uma análise do poder em seu aspecto positivo (palpável) pôde ser realizada quando o entendemos como um tipo de relação e não mais como um bem ou uma coisa que pertence à macroestrutura do Estado. Esta noção foucaultiana de (micro)poder levou nossa análise para aspectos variados das relações cotidianas que existem através de uma rede de dispositivos que busca conduzir as ações humanas.

Dessa maneira, observamos em *O Matador* que, primeiro é preciso que se produza uma noção de criminoso, depois é que se torna possível produzir um discurso de punição, de limpeza. As identidades exercidas pela personagem Máiquel configuram tanto efeitos do funcionamento de micropoderes quanto novos dispositivos para produção e manutenção de novas relações de poder. Por essa razão, trouxemos para a discussão a visão de Bauman (2005), para quem o sujeito pós-moderno pode encontrar dificuldades com a quantidade e variedade de identidades que lhe são postas pela economia globalizada. Tal inabilidade para a escolha nos ajuda a entender algumas das indecisões de Máiquel: (não) ser um matador profissional, um vendedor de carros, um pai dedicado, marido (in)fiel, drogado, pobre (des)honesto, rico, bom, mau, etc. Essas indecisões não se caracterizam apenas pelas inúmeras e diferentes possibilidades, mas, principalmente, pelo questionamento de valores. Matar, no romance, pode ser algo muito bom e justo e, a um só tempo, pode se tornar algo cruel e desnecessário.

As formulações de Bauman (2005) são acertadas quando ele observa a fluidez das identidades na pós-modernidade e, quando acrescentamos a tal perspectiva uma análise dos micropoderes, podemos ver que esta fluidez possui um funcionamento. Em *O Matador*, entendemos que a análise de micropoderes é feita através de uma descrição dos dispositivos. Assim, elencamos parte desta rede de relações constituída pela produção de um discurso sobre criminoso e pela institucionalização da prática de matar que justificasse a necessidade de um *matador-herói*.

Alguns conceitos sobre criminalidade ora são aceitos, ora são recusados, pois se deslocam conforme se modificam os objetivos (econômicos, políticos, sociais, pessoais) e desejos das personagens. Dessa maneira, uma classificação do que é ou não crime vai depender principalmente de contra quem o crime é cometido. Verdades foram sendo construídas acerca dessas personagens. Dizeres sobre o que são, o que fazem e se suas práticas são aceitas ou não. Um sistema de valores, concepções éticas e morais que vão sendo desfeitos e produzidos para construir discursos sobre o que vem a ser um criminoso. Assim, reafirmamos que o discurso possui uma ordem e os dizeres seguem uma disciplina (o que pode ser dito, onde, quando e por quem).

Quem produz o discurso da criminalidade faz parte de uma parcela bem favorecida da sociedade. As vítimas são doutores e empresários. Os criminosos são pobres e negros. Há essa relação entre autoridade e prestígio sócio-econômico. As relações de micropoderes são as estratégias cotidianas que existem em toda prática social nos mais variados níveis da sociedade. Vimos que isso é muito claro em *O Matador*: Máiquel, de um simples vendedor de

carros usados, é elevado a herói não por um exercício de poder que lhe nega algo, mas por relações de poder que tornam verdadeiro o discurso que defende Máiquel como herói. Não somente os grupos de prestígio econômico o sustentam assim: no romance, demais grupos exercem tipos diferentes de prestígio (policiais, advogados, traficantes, ladrões, médicos, pequenos empresários) e cada um com seu alcance de autoridade, faz de Máiquel um herói.

Mitificar o matador e torná-lo um justiceiro são ações que, ao mesmo tempo, produzem e mantêm os poderes que Santana, Carvalho e os protegidos da Ombra exercem. Produzir um discurso de justiceiro-herói é uma forma de manutenção da ordem que permite o exercício de certos poderes e a circulação e produção de determinadas verdades. O dispositivo “matar” só funciona porque é aceito, porque se liga a objetivos particulares e comuns entre as pessoas, seja uma pequena revanche, uma vingança, uma punição a um ladrão de televisores, seja por desejo de manter imagens/identidades, de manter e expandir o exercício de poderes.

Pudemos observar também que o enquadramento de um sujeito no grupo “sujeira social” ocorre diante de suas práticas e que, antes de tudo, é bom ponderar se essas práticas são aceitas ou não, concepção que está ligada à ideia de ordem. Então, o estranho e o sujo foram analisados mediante um olhar atento à localização de suas práticas na ordem estabelecida. Além disso, a aceitabilidade ou não de algumas práticas está imbricada à circulação de dizeres que fazem com que essas práticas sejam aceitas. Em *O Matador*, personagens como Suel, Ezequiel e Neno compõem esta sujeira porque infringem leis. Suel rouba, Ezequiel estupra e Neno é acusado de latrocínio (ele mata os vigias das empresas que assalta). No entanto, não bastando dizer que são a impureza social daquela comunidade somente porque praticam crimes, ou seja, infringem leis, entendemos que tais personagens são parte da sujeira que deve ser eliminada porque suas práticas se voltam contra pessoas de uma classe de prestígio social, econômico e étnico: doutores e empresários, ricos (em relação ao demais moradores da periferia) e “brancos”, além de policiais e traficantes. Não fosse isso, o protagonista que em um momento é o herói do bairro, também se encaixaria nesta “sujeira”. Mesmo assim, ele é o cidadão do ano. É Máiquel quem limpa a sujeira e é por esse motivo que se torna um herói. A aliança com a autoridade (representada pelo delegado Santana) é ponto alto da negociação entre Máiquel e a sociedade.

Assim, demonstramos, em *O Matador*, como as relações de poder predizem identidades que devem ser exercidas numa ordem do discurso, nos limites de um dado regime de verdade e como o protagonista Máiquel procura sobreviver à movência identitária, à fluidez com que suas relações com o outro acontecem, confirmando a visão de Bauman

(2005), para quem a identidade é inventada, experimentada, não mantém a forma por muito tempo e rapidamente se desfaz.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O mal estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRASIL. *Código Penal*. Organização de Anne Joyce Angher. 11 ed. São Paulo: Rideel, 2005. (Coleção de Leis Rideel).

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 10 ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1997. Disponível em: <http://www.esnips.com/doc/8e846e74-4f41-493d-ba17-6d035b9c01a0/Joseph-Campbell--O-Her%C3%B3i-de-Mil-Faces-%28pdf%29%28rev%29>. Acesso em: 31 de jul. de 2010.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DANTAS, Geyzon Bezerra. *De O matador a O homem do ano: civilização e barbárie nos (des)caminhos da adaptação da literatura para o cinema brasileiro*. 2007. (Resumo).

Disponível em:

<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20076724001015051P1>>. Acesso em: 07 out. 2009.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, crise e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

FONSECA, Rubem. *Bufo & Spallanzani*. Rio de Janeiro: Altaya/Record, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 24 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEYER, Katja Cristina. *Identidade feminina na literatura contemporânea em Patrícia Melo e Ana Miranda*. (Resumo). Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2002. Disponível em:

<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20009124001015026P7>>. Acesso em: 07 out. 2009.

JAGUARIBE, Beatriz. O choque do real: a violência e as estéticas do realismo midiático e literário. In: *Semiosfera Especial*. Disponível em:

[http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/especial2003/conteudo\\_bjaguaribe.htm](http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/especial2003/conteudo_bjaguaribe.htm)>.

Acesso em: 26 de nov. de 2008.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Sobre modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, Jul/Dez 2009, p.226-241.

MELO, Patrícia. *Jonas, o copromanta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Mundo perdido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Valsa negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *O matador*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Elogio da Mentira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Acqua Toffana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MESSA, Fábio de Carvalho. *O gozo estético do crime: dicção homicida na literatura contemporânea*. 2002. 270 f. Tese (Doutorado em Teoria literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <[www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0154.pdf](http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0154.pdf)>. Acesso em: 07 out. 2009

PEIXOTO, Maria Angélica. *A violência na obra literária de Patrícia Melo: uma leitura sociológica*. 2001. (Resumo). Disponível em: <[://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200110553001010009P0](http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200110553001010009P0)>. Acesso em: 07 out. 2009.

PELLEGRINI, Tânia. Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência? *Novos Rumos*, ano 16, n.35, 2001. p.54-64. Disponível em: <[200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/.../NOR0135\\_07.PDF](http://200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/.../NOR0135_07.PDF)>. Acesso em: 23 dez. 2008.

PEREIRA, Maria de Fátima da Silva. *O narrador na fronteira entre deixar e apagar marcas: um estudo sobre O matador, de Patrícia Melo*. 2005. (Resumo). Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20082333005010029P0>>. Acesso em: 07 out. 2009.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*, São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSA, Cecília Mariano. *Personagens marcadas pela violência em Acqua Toffana e O Matador, de Patrícia Melo*. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=130014](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=130014)>. Acesso em: 07 out. 2009.

SILVA, Líssia da Cruz. *Da banalização dos bens à banalização do mal: uma leitura de Acqua toffana e O matador de Patrícia Melo*. 2000. (Resumo). Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20009124001015026P7>>. Acesso em: 07 out. 2009.



SILVEIRA, Rosana Cacciatore. *Máique!l, o herói da morte: uma análise mitológica do romance O matador de Patrícia Melo*. Anuário de literatura: publicação do curso de pós-graduação em Letras – literatura brasileira e teoria literária da UFSC, Florianópolis, n. 8, p. 95-120, 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5419/4842>>. Acesso em: 07 out. 2009.

TELES, Maria De Lourdes. *O narrador-personagem: instabilidade romanesca e subjetividade fílmica entre O Matador e O homem do ano*. 2008. (Resumo) Disponível em: <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20082333005010029P0>>. Acesso em: 07 out. 2009.

WELS, Erica Schlude. *Apelos do consumo e da mídia: sedução ficcional em Patrícia Melo e Fernanda Young*. 2005. Resumo. Disponível em: <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200529431001017070P6>>. Acesso em: 07 out. 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. Alguns apontamentos sobre gênero e representação na ficção de Patrícia Melo. *Línguas e letras*: publicação do curso de Letras, vinculada ao Centro de Educação, Comunicação e Artes da Unioeste, Cascavel, n. 13, p. 145-161, 2006.